



A Origem da Páscoa

Depois do povo hebreu passar mais de quatrocentos anos de escravidão no Egito, Deus decidiu libertá-lo. Para isso suscitou um libertador, Moisés, que transmitiu a ordem divina: “Deixa ir o meu povo”. Como faraó rejeitou a ordem de Deus, este enviou sobre a terra do Egito dez pragas, a fim de lhe quebrantar o coração. Chegou o momento da décima e última praga, aquela que não deixaria aos egípcios nenhuma alternativa senão a de deixar o povo hebreu partir. Deus enviou um anjo destruidor para “passar sobre” a terra do Egito, para eliminar “(...) todos os primogênitos, desde homens até animais(...)” (Ex 12.12).

Visto que os israelitas também habitavam no Egito, como poderiam escapar do anjo destruidor? O Senhor emitiu uma ordem específica ao seu povo; a obediência a essa ordem traria proteção divina a cada família dos hebreus, com seus respectivos primogênitos. Cada família deveria tomar um cordeiro macho de um ano de idade, sem defeito e sacrificá-lo; famílias menores poderiam repartir um único cordeiro entre si (Ex 12.4). O mais importante viria a seguir: Parte do sangue do cordeiro sacrificado deveria ser aspergido nas duas ombreiras e na verga da porta de cada casa. Quando o anjo destruidor fosse enviado ao Egito, ele apenas “passaria por cima” das casas marcadas com o sangue, sem tocar mortalmente nos primogênitos. Daí o termo Páscoa, do

hebraico “pesah”, que significa “passar por cima”, “pular além da marca” ou “poupar”. Assim, pelo sangue do cordeiro morto, os israelitas foram protegidos da condenação da morte. Deus ordenou o sinal do sangue para mostrar profeticamente ao seu povo o que aconteceria centenas de anos mais tarde, quando Jesus (o cordeiro de Deus) derramaria o seu sangue na cruz do calvário para libertar os homens da escravidão do pecado.

Naquela noite específica (no dia 14 do mês de abibe - março-abril do calendário gregoriano), além de marcar as casas com o sangue, os israelitas deveriam também comer ervas amargas e pães asmos (sem fermento). As ervas amargas representariam os anos de sofrimento que o povo havia passado no Egito, enquanto que o pão asmo era para lembrar a rápida fuga do Egito, quando não sobrou tempo para fermentar o pão. Além disso, os israelitas deveriam estar vestidos e preparados para partir apressadamente (12.11), pois esta seria a noite de sua libertação da escravidão do Egito. Tudo aconteceu conforme o Senhor dissera (Ex 12.29-36) e a partir daí, por ordem divina, o povo de Israel passou a celebrar a Páscoa como uma festa memorial, todos os anos (Êx 12:17-20, 24-27).

A Páscoa Judaica

A Páscoa Judaica (Pesah) era seguida de sete dias da Festividade dos Pães Não Fermentados (pães ázimos ou asmos), de 15 a 21 de abibe (ou nisã), realizada no seio da família ou clã; na celebração não havia altares, santuários e sacerdotes ou qualquer influência do culto oficial. O ato central dessa celebração era o sacrifício de um cordeiro.

- Um cordeiro sem defeito era sacrificado;
- A entrada das cabanas era ungida com o sangue do animal;
- A carne do cordeiro era assada;
- Com a carne assada, cada família reunida fazia uma grande refeição;
- A refeição incluía pães sem fermento e ervas amargas nascidas no deserto.

Cada participante da Páscoa deveria:

- Ter uma atitude de marcha e pressa;
- Usar vestimenta para viagem;
- Ter as vestes amarradas na cintura;
- Atar as sandálias nos pés;
- Ter um cajado de pastor na mão.

A Páscoa foi uma ordenança direta ao povo judeu. O estrangeiro não deveria comer da Páscoa (Êxodo 12:43). Se por acaso, um estrangeiro, um gentil, desejasse participar da páscoa, teria que ser circuncidado (Êxodo 12:43).

Os pais ensinavam às crianças judias que as celebrações anuais da Páscoa recordavam a noite em que o Senhor Deus feriu os egípcios e livrou o povo hebreu do cativeiro. Somente depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo é que os apóstolos entenderam

que o real significado da Páscoa não fora discernido pelos os judeus por quase 1500 anos:

Simbolismo Profético: A Páscoa teve como propósito primordial, prenunciar a morte de Jesus Cristo; o seu alvo era ensinar Israel e, colocar em suas mentes, a salvação pelo sangue do cordeiro inocente, preparando o povo para o advento de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (João 1.29).

A Páscoa judaica contemporânea já não é celebrada com o cordeiro assado. Com a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos, em 70 d.C., o sistema de sacrifícios de animais terminou e foi substituído completamente pelos serviços de orações. Entretanto, os judeus ainda se reúnem em família para a celebração da Páscoa, ocasião em que o pai da família narra toda a história do Êxodo, conforme a prescrição de Yahweh (Êx 12.14,26,27).

A Celebração Pascal da Nova Aliança

Durante vários séculos a páscoa judaica viera apontando para o sacrifício de Jesus Cristo (João 1.29), mas os judeus não discerniram isso. Todavia, chegara o tempo do Senhor Jesus, celebrar a Última Páscoa, nos moldes judaicos, juntamente com os seus apóstolos. Aquele era o momento que Jesus tanto esperava (Lc 22.15).

Foi na noite que precedeu a Sua morte, que Jesus e os Seus discípulos comeram a Última Páscoa, e depois foi morto como o Cordeiro Pascal (Mt 26.17-29; Mc 14.12-26; Lc 22.7-20; Jo 13 e 14). Naquela noite houve duas ceias: a Ceia da Páscoa e a Ceia do Senhor Jesus (Lc 22.17-20).

Podemos observar que, «duas festas uniram-se em uma única celebração». No cenáculo deu-se um acontecimento notável: A Festa Pascal foi solenemente encerrada (Lc 22.16-18), e a Ceia do Senhor Jesus instituída com uma festividade ainda mais sublime do que a Páscoa, por representar um fato consumado em sua plenitude, a morte do Senhor Jesus (Lc 22.19-21; 1 Co 5.7).

Naquela ocasião terminou um período e começou outro. Cristo era o cumprimento de uma ordenança e a consumação da outra. A Páscoa judaica havia servido seu propósito profético, porque o Cordeiro de Deus que o sacrifício pascal simbolizava, ia ser morto pelos os homens. A partir daquela noite o povo de Deus deveria celebrar uma nova ordenança, a Ceia do Senhor.

«... tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu e deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim» (Lc 22.19, ver também em 1 Co 11.24). Jesus tomou um pão sem fermento, proferiu uma bênção, partiu-o e deu aos seus discípulos, dizendo: «...isto é o meu corpo». Jesus deu um novo significado ao rito, dizendo que o pão representava o Seu corpo. A distribuição dos pedaços do pão significa para que os que recebem, participação nos benefícios

daquele Santo Sacrifício. Por isso, a Santa Ceia é também chamada de «comunhão» (gr koinonia), que literalmente significa «participação».

«...E, tomando o cálice, e dando graças...». Assim, como Jesus abençoou o pão antes de partir, também deu graças pelo cálice, antes de distribuir aos Seus discípulos.

«...Bebei dele todos..». A distribuição do cálice lembra-nos a «comunhão» do sangue de Cristo (1 Cor 10.16), ou seja, compartilhar dos benefícios obtidos através da Sua morte redentora.

«...Porque isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança...». Na distribuição do cálice, Jesus anuncia aos Seus discípulos que uma Nova Aliança estava sendo instituída, mediante a Sua morte sacrificial; uma Nova Aliança entre Deus e os homens, que estava sendo selada com o próprio sangue de Jesus, representado pelo cálice. A Aliança instituída por Cristo é chamada «Nova» porque contrasta com a aliança feita com Israel no monte Sinai, ao iniciar o período da Lei. A primeira Aliança foi estabelecida pelo sangue aspergido de animais sacrificados (Hb 9.16-22). A Nova Aliança tornou-se válida, através do Sangue imaculado de Jesus Cristo, vertido na cruz (Hb 8.6-13).

«...Derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados». Todos aqueles que, pela fé aceitam para si o sacrifício expiatório de Cristo, recebem o perdão dos seus pecados. Todos: A redenção é oferecida para todo aquele que crê. (1 Tim 1.15; 2.3-6).

Jesus Cristo é o Cordeiro Pascal, o sacrifício da Páscoa (1Co 5:7). O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1:29). Em Cristo a Páscoa é consumada e substituída pela Santa Ceia (comunhão), como símbolo da Nova Aliança, que não se limita somente ao povo judeu, mas a todos quantos crêem em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. O sangue precioso do Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, vertido na cruz, deve ser aspergido pela fé, não nas portas de algumas casas, mas nos nossos corações, possibilitando-nos desfrutar de uma vida abundante (eterna), longe da escravidão do Egito (mundo) e da tirania de faraó (Satanás).

A Ceia do Senhor, composta de vinho e pão, não tem uma data específica para a sua celebração, podendo ser comemorada em qualquer dia do ano, até que Jesus Cristo volte à Terra para julgar vivos e mortos e para reinar com o seu povo. Sempre que é celebrada a Santa Ceia, os discípulos de Cristo anunciam a morte do Senhor Jesus, o cordeiro de Deus, inocente e sem mácula, que foi morto como substituto de todo pecador que Nele crê. (1 Co 11:26; 1 Pe 1:19).

A Santa Ceia é símbolo de uma Aliança Superior:

- Na Páscoa um cordeiro morria para substituir o pecador uma vez ao ano, Jesus é o Cordeiro que se sacrificou completamente uma vez por todas, para sempre.(Hb 10:12);
- Na Páscoa era um cordeiro por família, Jesus fez um único sacrifício completo por todos os homens.(Hb 10:12).

Quem tem Cristo como o seu Salvador pessoal, tem a marca do sangue do cordeiro pascal sobre a sua vida; o sangue que lhe assegura a libertação do reino das trevas e o direito à vida eterna.

A Influência do Paganismo

Lamentavelmente, a história registra que alguns grupos cristãos não preservaram na nova ordenança instituída por Jesus, a Ceia do Senhor.

No decorrer dos séculos, controvérsias e sincretismos religiosos, modificaram de tal forma a unidade da fé confessional, ao ponto de alguns grupos cristãos acolherem práticas pagãs associadas aos antigos rituais judaicos da Páscoa, desvirtuando completamente o sentido da maior celebração da Nova Aliança.

Não é novidade percebermos que muitas práticas do paganismo, totalmente incompatíveis com os ensinamentos das Sagradas Escrituras, foram gradativamente agregadas à doutrina de alguns segmentos cristãos.

Equinócio da Primavera - A Páscoa Pagã

Há milhares de anos os povos europeus comemoravam a Festa da Primavera. Algumas sociedades na região do Mediterrâneo, entre elas a grega, festejavam a passagem do inverno para a primavera, durante o mês de março, na primeira lua cheia da época das flores. Entre os povos da antiguidade, o fim do inverno e o começo da primavera era de extrema importância, pois estava ligado a maiores chances de sobrevivência em função do rigoroso inverno que castigava a Europa, dificultando a produção de alimentos.

O que se observa é que muitas das comemorações do equinócio da primavera deram origem a vários costumes hoje relacionados com a “páscoa” contemporânea. Como a maioria dos antigos festivais pagãos, a celebração do Equinócio da Primavera foi adaptada (ou cristianizada) pela igreja, aproveitando o fato de que coincidia com a provável data da ressurreição de Jesus Cristo.

Ostara

A páscoa como o mundo moderno a conhece, deriva das celebrações da fertilidade à deusa anglo saxônica Oster ou Ostara. A Páscoa pagã é o Sabbat de Ostara, que é a deusa da Fertilidade plena e da luz crescente da Primavera. Na simbologia pagã significa o renascimento da Terra em sua força de fertilidade (primavera) após um período de morte (inverno).

Durante o Equinócio da Primavera, os campônios europeus (pagãos) acendiam fogueiras ao nascer do sol, tocavam sinos e decoravam ovos cozidos. Nos países de origem Celta, nesta época do ano, a Deusa Ostara é lembrada e honrada com

belíssimos festivais que incluem flores, cores vivas, ovos e lebres. As flores e as cores vivas representam a primavera; a lebre (coelho) simboliza a fertilidade; os ovos representam a possibilidade de uma nova vida; os rituais são feitos em homenagem à “Mãe Natureza ou Mãe Terra” (Gaia), que mais uma vez fertilizará seus campos e nutrirá os homens que vivem sobre o seu leito.

O Ovo de Páscoa

Os ovos, símbolos de fertilidade e da reprodução, eram pintados com vários símbolos mágicos ou com as cores do Equinócio da Primavera, como amarelo ou dourado (cores solares sagradas).

As tradições e lendas sobre a relação do ovo com a origem da vida são identificadas em várias civilizações:

Os babilônios, um ovo de tamanho enorme caiu do céu no rio Eufrates. Deste ovo a deusa Astarte (Ostara) foi chocada. O ovo veio a simbolizar a deusa Ostara.

Para os egípcios, o deus Rá (ou Ré) nasceu de um ovo; para os hindus, Brahma surgiu de um ovo de ouro. Para os chineses, P'an Ku, nasceu de um ovo cósmico.

Coelho ou Cordeiro?

Entre os povos da antiguidade, a fertilidade era sinônimo de preservação da espécie e melhores condições de vida, numa época onde o índice de mortalidade era altíssimo.

O coelho era o animal sagrado da deusa teutônica da Primavera, Easter (Ostara), deusa lunar da fertilidade, que tinha cabeça de coelho. Visto que o coelho procria rapidamente, simbolizava, entre os pagãos, o ato sexual; o ovo simbolizava "nascimento" e "renovação". A Lebre, sendo o símbolo da Lua, foi associada à festa cristã da ressurreição, já que a Lua foi utilizada para determinar a data do domingo de Páscoa.

As sacerdotisas anglo-saxônicas faziam previsões do futuro observando as entranhas de uma lebre sacrificada. É claro que a versão moderna “coelhinho da páscoa, que trazes para mim?” é bem mais comercialmente interessante do que a versão original, que diz: “Lebre de Ostara o que tuas entranhas trazem de sorte para mim?”

O cordeiro e não o coelho era o animal do sacrifício pascal. Convém lembrar que os judeus consideravam o coelho (ou a lebre) um animal impuro, uma vez que ele figura na lista dos animais “impuros” para o consumo humano, na Lei de Moisés (Deuteronômio 14:7; Levítico 11:6), o que levanta ainda mais reservas quanto à aceitação desse símbolo pascal pagão.

A Data

A Páscoa dos hebreus era celebrada no dia 14 do mês de abibe (mais tarde chamado nisã) Êx 12:14, 24-47; Lv 23:10.

A Páscoa pagã é uma data móvel que usa a prática comum da astrologia. O dia do culto de Asthar (Ostara), que ainda é praticado pelos seguidores da tradição celta, é no primeiro Domingo depois da primeira Lua Cheia, após o Equinócio da Primavera (hemisfério norte), que acontece entre os dias 19 e 22 de Março.

Os cristãos, através do Concílio de Nicéia em 325, fixaram o dia da Páscoa no primeiro Domingo depois da Lua Cheia, a partir de 21 de Março. O concílio foi imposto e patrocinado pelo imperador Constantino para que houvesse uma data padronizada para a Páscoa por todos os grupos cristãos daquela época.

A fixação dessa data era algo muito complicado porque a ressurreição de Cristo ocorreu na páscoa judaica, cujo calendário baseia-se nas fases da lua, e não se dispunha naquela época de conhecimentos astronômicos para sincronizar as fases lunares com o calendário solar vigente – o calendário juliano –, que também era falho. Além disso, os cristãos queriam desatrelar a comemoração cristã da ressurreição de Jesus Cristo das festividades da Páscoa judaica. O jeito foi associar a ressurreição de Cristo ao Equinócio da Primavera, correlacionando-o com fases da lua e o ciclo semanal dos domingos. Parece confuso? Com certeza, mas foi assim mesmo.

No Concílio de Nicéia ficou definido que a Páscoa deveria cair no primeiro domingo após a primeira lua cheia depois do equinócio da primavera, no hemisfério norte. A palavra equinócio vem do Latim, *aequus* (igual) e *nox* (noite), e significa "noites iguais", ocasiões em que o dia e a noite duram o mesmo tempo. Os equinócios ocorrem nos meses de março e setembro quando definem mudanças de estação.

Do Concílio de Nicéia em diante a cultura pagã de festejo do Equinócio da Primavera foi oficialmente integrada nas comemorações da Semana Santa do calendário cristão.

A Páscoa Contemporânea

A Páscoa, como hoje é conhecida e celebrada, além do conteúdo pagão, carrega uma influência comercial exorbitante. O capitalismo deformou muitas festas religiosas. Nas últimas cinco décadas a humanidade foi totalmente transformada pelo o capitalismo. Ele tomou conta do mundo e transformou quase tudo em fonte de lucro e de consumo. Assim, até mesmo as festas religiosas tornaram-se ocasião de um consumo maior. A páscoa moderna é mais uma grande fonte de lucro comercial. Jesus Cristo morreu em uma cruz e as pessoas comercializam chocolate. Isto é um absurdo!

De acordo com a Bíblia Sagrada, a “páscoa” contemporânea, celebrada por alguns segmentos cristãos, não possui vínculo algum com a Páscoa judaica, instituída por Deus a Israel, em comemoração a libertação da escravidão do Egito. Por quê? Porque a Páscoa foi uma ordenança ao povo judeu e não a todos os povos. A Páscoa judaica é uma celebração exclusiva ao povo da Antiga Aliança, Israel. A “páscoa” moderna também não se relaciona com a santidade da Santa Ceia que foi por Jesus Cristo estabelecida, em memória e honra de sua morte na cruz. Por quê? Porque a nova ordenança substitui a anterior e, como símbolo da Nova Aliança, entre Deus e todos os povos que crêem no sacrifício de Jesus, é celebrada apenas com vinho e pão, em qualquer dia do ano.

O que o povo comemora então? Um sincretismo religioso que é uma mistura de judaísmo, paganismo e consumismo, com alguns resquícios de uma linguagem cristã. Diante de tantos ritos e costumes pagãos, em vez de Feliz Páscoa, seria mais apropriado dizer: Feliz Equinócio!

Uma coisa é recebermos educação religiosa por alguém que não possui o entendimento bíblico e outra é nós mesmos, depois de conhecermos a verdade, nos tornarmos cúmplices e propagadores de uma mentira em nome de Deus (Is. 5.20,21).

Lamentamos profundamente o fato de que, a cada ano, muitos cristãos sinceros, mas desconhecedores da verdade bíblica, continuam celebrando uma festa estreitamente associada ao paganismo, ainda que as suas intenções sejam outras.

A Bíblia nos adverte para o fato de que “um pouco de fermento leveda toda a massa” (1 Co 5:6), ou seja, um pouco de doutrina estranha ou de mentira, contamina o todo.

Parecer Conclusivo da CNV

A Páscoa foi uma ordenança de Deus exclusiva ao povo de Israel (Êxodo 12:3). Uma festa para ser guardada por todos os filhos de Israel (Êxodo 12:47) e não para os outros povos.

Hoje sabemos que a Páscoa judaica encontrou o seu cumprimento e o seu fim na morte e ressurreição de Jesus Cristo, e que essa páscoa não tem mais eficácia, pois, o verdadeiro sacrifício pascal - o Senhor Jesus - já foi consumado na cruz.

A Páscoa contemporânea é completamente estranha aos preceitos bíblicos e judaicos, revestindo-se de outros valores, inclusive pagãos, sob o disfarce do cristianismo nominal.

A Ceia do Senhor é o símbolo da Nova Aliança e a maior celebração da Igreja do Senhor Jesus Cristo. Revela-se cheia de sentido quando celebrada com entendimento e em espírito de adoração:

- É a festa do AMOR, porquanto Jesus deu sua vida por nós em atitude maior de verdadeiro amor.
- É a festa da COMUNHÃO porque nos faz entender que ainda que sendo muitos, estamos irmanados em Cristo.
- É a festa da VITÓRIA, da vida sobre a morte, pois Jesus ressuscitou, vencendo definitivamente a morte na cruz.
- É ainda a festa da ESPERANÇA, pois nos aviva a memória de que Jesus voltará para o seu povo.

Diante do exposto, nós da CNV, preferimos perseverar na doutrina bíblica e apostólica da Santa Ceia, como sendo a expressão e celebração máxima da Nova Aliança, instituída pelo o Senhor Jesus Cristo aos seus discípulos, em substituição à Páscoa judaica.